

# Observatório Latino-americano de Sinodalidade



**Por: Alejandro Ortiz**

---

Hoje, ao celebrarmos a Páscoa, anunciamos com alegria e certeza de que, mesmo nos tempos mais injustos e violentos, como o nosso, a vida, a esperança, a beleza e a ternura sempre serão a última palavra de Deus na história humana. É por isso que hoje, ao celebrarmos a vitória da vida sobre a morte e a injustiça, tornamos público este Observatório Latino-Americano da Sinodalidade (OLS). Estamos convencidos de que este Observatório pode ajudar a fortalecer o processo sinodal eclesial que estamos vivendo.

Quando Francisco se dirigiu aos jovens em 2018, ele lhes disse que o objetivo do Sínodo “é fazer germinar sonhos, despertar profecias e visões, fazer florescer esperanças, estimular a confiança, curar feridas, tecer relações, ressuscitar uma aurora de esperança, aprender uns com os outros e criar um imaginário positivo que ilumine as mentes, inflame os corações e dê força às mãos”. Nós nos apropriamos de suas palavras e as usamos como inspiração para este projeto.

“Ressuscitar uma aurora de esperança” em um mundo tão cheio de guerras e, com elas, lucros bilionários para poucos e mortes e empobrecimento para a maioria, torna-se uma tarefa vital para cada crente e para cada pessoa. A ressurreição não é apenas para esses tempos litúrgicos, mas, acima de tudo, para uma humanidade dividida e caótica. A partir desse ponto, a sinodalidade se torna não apenas uma questão eclesial, mas também humana e social.

Em 2021, o Papa Francisco iniciou formalmente o processo de sinodalidade. Embora a sinodalidade sempre tenha existido de diferentes formas e maneiras na Igreja, desde essa data ela se tornou a grande dinâmica eclesial, que engloba muitos esforços “de reforma e conversão” e onde diferentes atores se uniram e contribuíram para constituí-la como tal.

Desde essa data, em particular, cursos, oficinas, seminários, conferências e webinars foram criados e desenvolvidos em torno dela. Suas implicações e consequências eclesiais foram discutidas, dialogadas e confrontadas. Parece que a Igreja, em sua maior parte, está minimamente ciente da questão. Também é verdade que houve diferentes níveis de compreensão, assimilação e apropriação da sinodalidade nas paróquias e comunidades. Isso nos motiva a continuar promovendo esse impulso eclesial, que veio para ficar. Não podemos permanecer os mesmos, eclesialmente falando, já que abordamos a sinodalidade como uma forma de vida eclesial.

Será na segunda sessão da Assembleia Sinodal, em outubro de 2024, que esse processo específico fechará o círculo que começou em 2021. Isso implica redobrar os esforços para completar um caminho eclesial que, sem dúvida, transformará a Igreja ou, como diz Francisco, deverá “criar um imaginário positivo que ilumine as mentes, acenda os corações, dê força às mãos”. E embora a questão não termine aqui, mas esteja apenas começan-

do, ela precisa ser fortalecida a partir de diferentes ângulos e perspectivas para levar esse impulso global a um bom destino, que, embora Francisco tenha começado, é, sem dúvida, do Espírito.

Nesse caminho e nesse momento, precisamos de um lugar onde possamos acessar as informações mais importantes sobre sinodalidade. Precisamos de um espaço onde possamos observar os temas centrais e as discussões atuais que estão ocorrendo neste momento, bem como as principais linhas de trabalho que estão sendo discutidas atualmente “para levantar profecias e visões”. É por essa razão que a Amerindia Continental se propôs a criar este Observatório Latino-Americano de Sinodalidade, que colocamos a seu serviço.

Este observatório, embora tenha uma visão global, é sobretudo latino-americano e caribenho. Nossa contribuição concreta é tornar visível e trazer para este espaço a Tradição eclesial latino-americana. Uma tradição que, sendo latino-americana, é martirial. Ser e construir comunidades eclesiais em nosso continente implicou em dar um testemunho evangélico, ou seja, de vida e de opção pelos empobrecidos e vítimas da história colonial e neoliberal. Ser crente na América Latina e no Caribe sempre implicou a busca e o anseio de libertação das estruturas dominantes que se apossaram de nossos territórios. E esse caminho de fidelidade ao evangelho construiu uma “caminhada” libertadora, ou seja, uma experiência sinodal onde “os sonhos germinaram e as esperanças floresceram”.

Não podemos esquecer essa experiência sinodal de libertação da América Latina e do Caribe. É uma história de esperança e ação, de contemplação e escolha. Uma história cheia do Evangelho, portanto, cheia de amor, justiça e compaixão. E a partir daqui, das profundezas de nosso ser eclesial latino-americano e caribenho, estamos construindo

este observatório. Embora ele queira ser uma janela para observar a dinâmica do Espírito em torno da sinodalidade, ele também quer ser uma porta por onde as questões sociais fundamentais que nos condicionam e sufocam possam passar para que possamos confrontá-las com a força do Evangelho. Caminhar juntos implica uma missão conjunta para confrontar “as sombras de um mundo fechado”.

A partir de uma fé comprometida com a história, nós nos perguntamos sinceramente como caminhar juntos em tempos de guerra e colapso civilizacional?; como acompanhar juntos, como uma Igreja compassiva e samaritana, a dor das mulheres que foram estupradas, das famílias que buscam seus desaparecidos, dos pais e mães que protestam contra as novas presidências de extrema direita da história?; como podemos nos organizar colegialmente diante das novas forças que buscam privilégios enquanto mantêm as maiorias na miséria?; que organização precisa ser planejada em nossa Igreja para responder efetivamente à crise socioambiental que condiciona nossa vida plena?; se caminhamos juntos, como devemos levar em conta os passos na mesma caminhada dos povos indígenas e afrodescendentes?

As respostas a essas perguntas e a muitas outras devem ser encontradas caminhando juntos, a partir da própria realidade e de uma humanidade diversa e diferente, mas que pode caminhar lado a lado, a partir das contribuições históricas dos povos originários e afrodescendentes, das propostas das mulheres e das juventudes, ou seja, do Povo de Deus que já está a Caminho. Que este observatório digital seja uma forma de caminho sinodal que ajude a discernir o que Deus espera da Igreja no terceiro milênio.